



AS DUAS FACES DA GLÓRIA (**)

Claudio Moreira Bento

Trata-se de uma resposta bem fundamentada a colocações de William Waak, em livro lançado pela Editora Nova Fronteira (1985), relativas à atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em território europeu.

Em 22 de agosto de 1922, fará 50 anos a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em apoio à cruzada dos Aliados em defesa da Democracia e da Liberdade mundial contra o nazi-fascismo. Como decorrência o Brasil enviou, para o teatro-de-operações europeu, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que lutou no NW da Itália para libertá-la, junto com cerca de 20 divisões de onze países, americanas e inglesas em especial, mas inclusive italianas livres.

A imprensa brasileira acompanhou de perto, nos Apeninos e no vale do rio Pó, a epopéia dos pracinhas brasileiros, através dos correspondentes de guerra Rubem Braga, Joel Silveira, Egídio Squeff, Rui Brandão, José B. Leite, Alberto D. Abranches, Francisco Hallowell (inglês da BBC), Thar-

silo Nilke, Horácio Sobrinho, e dos cinegrafistas Fernando Fonseca e Adalberto Cunha. Eles produziram valiosa documentação sobre a FEB, na qual registram o bom desempenho do combatente brasileiro e sua notável adaptabilidade àquela campanha. Rubem Braga, por exemplo, escreveu uma valiosa e aguda observação que atesta a grandeza do comandante da FEB, sobre o qual escrevemos: "J.B. Mascarenhas de Moraes — significação histórica" (RIHGB, Jul/Set 1984), por ocasião do seu centenário, comemorado no IHGB.

Escreveu Rubem Braga sobre o episódio de tentativa de renúncia de Mascarenhas, em dezembro de 1944, após sofrer injusta pressão do general dos EUA comandante do IV Corpo de Exército: "foi bom que ele ficasse. Com o seu Estado-Maior dividido, os

(**) Selecionado pelo CPrep/ECEME

inevitáveis desentendimentos (ou diffeis entendimentos) com o comando aliado, a displicência com que o Rio atendia aos pedidos da FEB, os ciúmes e prevenções da retaguarda e as durezas da guerra, só um homem da energia, da respeitabilidade e paciência do General Mascarenhas poderia levar a campanha até o fim, como ele fez com êxito”.

A estes relatos da imprensa brasileira somam-se: a alentada documentação oficial da FEB reunida no Arquivo Histórico do Exército; a documentação levantada pelo Coronel Ruas Santos no *Tesaurus da FEB* e reunida, em parte, na Associação Nacional de Veteranos da FEB (ANVFEB) na rua das Marrecas — Rio. Toda ela consagra, como motivo de orgulho nacional, a participação militar correta e bem-sucedida da FEB e como ela, com galhardia, superou as adaptações doutrinárias (mudança da doutrina francesa para a americana), tecnológicas (radiofonia, motorização e mecanização com suas complexas implicações logísticas e operacionais), ecológicas (adaptação à montanha e à neve) e psicológicas (distância da pátria, enquadramento por exército da maior potência industrial e enfrentamento de soldado com fama de ser o melhor do mundo etc.).

Passados 40 anos, um colega dos correspondentes citados, William Waak, após pesquisa na Europa “com a preocupação de cotejar a versão oficial e laudatória da FEB com o relato de alemães e americanos”, publicou

o polêmico livro *As duas faces da glória*.¹

O livro trouxe interessantes contribuições: sobre a 232.^a Divisão de Infantaria alemã, que fez frente à FEB nos Apeninos; sobre a preocupação louvável e satisfeita do General Mascarenhas de que a FEB, na expressão popular, não viesse a ser usada como “bucha de canhão pelos Aliados”; que foi em Monte Belvedere, que dominava Monte Castello, que o comandante alemão, veterano comandante de Corpo de Exército na batalha de Estalingrado, e então comandante da 232.^a DI alemã, concentrou todo o esforço defensivo da ampla frente que lhe coube defender, por ser Belvedere o pivô da defesa do Apeninos.

Daf a resistência enorme que os alemães ofereceram aos americanos em Monte Belvedere e aos americanos e brasileiros em Monte Castello, que só caiu após o 5.^o ataque aliado e desfechado pela FEB, quando Monte Belvedere já havia sido conquistado pela 10.^a Divisão de Montanha dos EUA. Do contrário, ataques frontais americanos e brasileiros, sem nenhuma possibilidade de surpresa, continuariam a ser mal-sucedidos.

A obra *As duas faces da glória* é denominada, por muitos veteranos, “A outra face da glória”, por conter referências predominantemente negativas atribuídas à FEB. Referências negativas que colocadas isoladas como o foram, ao que parece por mágoa política do autor contra algumas lideran-

1 WAAK, William, *As duas faces da glória*. Rio de Janeiro Ed. Nova Fronteira, 1985.

ças da FEB que o seriam da Revolução de 64, agridem o soldado brasileiro que lá foi lutar e que deu o melhor de si como soldado do 3.º mundo, vindo de um país essencialmente agropecuário. Soldado lançado prematuramente em ação, conforme reconhece William Waak e denunciou o próprio Marechal Mascarenhas, após a Conferência do Passo de Futa, e que, após hercúleo esforço de adaptação doutrinária, tecnológica, ecológica e psicológica, lutou, venceu e fez boa figura, ao lutar, só ou em aliança, contra valorosos soldados do 1.º mundo com mais de quatro anos de experiência naquela guerra e naquele teatro-de-operações.

As críticas de W. Waak incidem nos ataques a Monte Castello, que resistia fortemente, conforme justificamos com os elementos que ele próprio forneceu, por ser flanqueado pelo ponto mais forte da defesa alemã, Monte Belvedere. As críticas que publicou atribuídas ao comportamento do soldado brasileiro provocaram grande indignação, particularmente entre os “brasileiros humildes lançados sem treinamento na guerra e pelos quais durante sua pesquisa passou a nutrir grande simpatia”, segundo escreveu. Muitos desses veteranos afeitos às letras responderam-lhe, por escrito, em artigos diversos.

Essas respostas devem ser levadas em conta, quando da leitura de *As duas faces da glória*, obra que, penso, denigre o perfil militar do brasileiro revelado em nossas lutas internas e externas em quase cinco séculos — lutas predominantemente vitoriosas e em grande parte responsáveis pelo deline-

amento, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais. Constatar é obra de simples verificação da movimentada História Militar do Brasil até 1945.

Os erros e falhas atribuídos ao combatente brasileiro e apontadas por Waak, com apoio em relatórios americanos, são comuns na guerra, a todos os exércitos e em todos os tempos. Para constatar basta por exemplo ler-se a obra *História de um Soldado* (Rio, Bibliex, 1958, 2v), escrita pelo Tenente-General Omar Bradley, traduzida pelo atual Coronel Luiz Paulo Macedo de Carvalho, no qual aquele chefe focaliza, de observatório privilegiado, a invasão da Europa pela Normandia. “Na guerra os erros e falhas, bem como a mentira, são como terra”, em razão das condições de confusão, extrema tensão, medo e temor de perda da vida ou de mutilações etc. Daí a expressão comum nos meios militares mundiais: “Ganha a guerra quem erra e falha menos.”

Assim sendo, a leitura de *As duas faces da glória* não pode ser feita isolada, por quem está empenhado em descobrir a verdade e atuar como juiz do Tribunal da História. Ela deve ser lida e comparada com os testemunhos dos correspondentes de guerra citados, que representaram a Imprensa Brasileira junto à FEB, junto com artigos de veteranos da FEB sobre a obra em foco, e junto com a alentada bibliografia nacional e estrangeira sobre o final da batalha dos Apeninos. Isto para que, com imparcialidade e isenção, sejam retirados para a posteridade brasileira

os ensinamentos que a obra de William Waak em realidade contém.

Atitude contrária será um exercício de cívico-masochismo brasileiro. Continuar a usá-la como arma política e, agora, como instrumento de interesses nacionais e internacionais escusos, visa a desacreditar, e até a desmoralizar, as Forças Armadas do Brasil, constitucionalmente o braço armado do povo brasileiro para a defesa, *in extremis*, de seus legítimos interesses.

Em realidade, até hoje não deparamos com versão oficial que afirme que a FEB teve papel decisivo ou predominante na Itália. Ela cumpriu muito bem a missão que lhe coube, com muito mais vitórias do que insucessos, estes reconhecidos, humildemente, por seu comandante, em relato oficial, e ocorridos na fase que o próprio W. Waak reconheceu que a FEB “foi lançada na guerra sem o treinamento e preparo” que tiveram as divisões dos EUA, por exemplo.

O reestudo, de parte de Waak, de toda a bibliografia da FEB, com ênfase na face positiva que ele ficou a dever

em *As duas faces da glória* e, agora, com sua experiência na Guerra do Golfo, talvez o leve a pedir até desculpas aos veteranos da FEB, de igual forma que o fizeram Oficiais R-2 que a integraram e que produziram polêmico relatório, com base em falsas perspectivas — pedido público de desculpas feito em comóvente e histórica reunião no Clube Militar, em presença de numerosos veteranos da FEB, oficiais e pracinhas.

Assim Waak, brasileiro de direito, que muitos veteranos julgaram tratar-se de um europeu naturalizado, teria a oportunidade de se incorporar à nacionalidade brasileira de fato e, assim, reverenciar, na FEB, a memória dos soldados brasileiros que, em quase cinco séculos, em lutas internas e externas, ajudaram com seus sacrifícios, vigílias, sangue e vidas, a forjar a nacionalidade que hoje o acolhe.

Aí então ele vestiria a camisa do Brasil, como tão bem o fizeram seus colegas correspondentes de guerra que acompanharam a FEB.



CLÁUDIO MOREIRA BENTO — Coronel da Reserva do Exército, foi designado para o serviço ativo, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército — A Casa da Memória Histórica do Exército. Possui, além dos cursos militares regulares, o do Analista A da Escola Nacional de Informações e o de pesquisador das Forças Terrestres Brasileiras. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, integra a Academia Brasileira de História, a Sociedade Brasileira de Geografia, o Instituto dos Centenários e o Instituto

Bolivariano do Rio de Janeiro. Foi o coordenador da construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e atualmente, preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Dirigiu o Departamento Cultural e a Revista do Clube Militar (Jun 86 - Jul 88).